**A morna já é oficialmente Património Imaterial da Humanidade**

Agora sim, a morna foi elevada a Património Imaterial da Humanidade pela UNESCO. A decisão final saiu do Comité Intergovernamental de salvaguarda do Património Imaterial da Humanidade, reunido até sábado, 14 de dezembro, em Bogotá.

Foi na capital da Colômbia que o grupo de representantes de estados-membros da UNESCO deu o passo final no processo iniciado pela música mais icónica de Cabo Verde em março de 2018.

[…]

“O que canta a morna?”, pergunta Admiro Almeida, apenas para responder momentos depois: “saudade, amores não correspondidos, amores atormentados, amor da terra”. Para o filho de Bana — o Rei da Morna, falecido em 2013 — é a canção do mar, da distância, do fatalismo e do irremediável, “é a nostalgia do ritmo, que se sente mais quando se está longe”. A morna, conclui Admiro, em Portugal há 45 anos, “preenche o universo de todos os cabo-verdianos”.

De Cabo Verde sai também o batuque, o funaná e até uma versão muito própria da mazurca polaca. Sandra Mascarenhas, diretora do departamento de Património Imaterial do Instituto de Património Cultural de Cabo Verde, deixa a certeza de que todas estão “muito vivas”. Mas explica a diferenciação: “A morna é o nosso clássico“.

Para Gabriel Moacyr Rodrigues, etnomusicólogo e figura chave no estudo académico da morna, é também um meio de afirmação cultural, e união da diáspora. Por iniciativa própria, exemplifica: “Um primeiro-ministro de Cabo Verde estava num encontro com outros representantes internacionais. A certa altura, um chefe de estado do norte da Europa pergunta-lhe onde fica Cabo Verde. O primeiro-ministro, sem sucesso, fala nas dez ilhas minúsculas ao largo de África. Depois desiste e exclama ‘É a terra de Cesária [Évora]’. O europeu responde ‘Ah, é uma terra de bela música'”.